# Master Negative Storage Number

# OCI00047.19

# Verdadeira historia do valoroso Samsão

# Porto

# 1893

# Reel: 47 Title: 19

# BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
## PRESERVATION OFFICE
## CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

## RLG GREAT COLLECTIONS
## MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
## JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
**Master Negative Storage Number: OCI00047.19**

**Control Number: ABJ-0125**
**OCLC Number : 07559969**
**Call Number : W 381.5698 P8381 no. 20**
**Title : Verdadeira historia do valoroso Samsão : na qual se contam todas as particularidades da sua vida, suas façanhas, batalhas, escravidão dos Hebreus, captiveiro e como obrou Deus uma extranha maravilha, volta dos Israelitas ao captiveiro dos Philisteus, temerario voto que fez e caso engraçado que aconteceu a Alexandre, etc. / traduzida do hespanhol por Orlando da Costa.**
**Imprint : Porto : Livraria Portugueza de Joaquim Maria da Costa, 1893.**
**Format : 16 p. ; 25 cm.**
**Subject : Samson (Biblical judge)**
**Subject : Chapbooks, Portuguese.**
**Added Entry : Costa, Orlando da.**

**MICROFILMED BY**
**PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)**
On behalf of the
**Preservation Office, Cleveland Public Library**
**Cleveland, Ohio, USA**
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/30/94
Camera Operator: AR

COLLECÇÃO DE HISTORIAS POPULARES
N.º 13

VERDADEIRA HISTORIA

DO

# VALOROSO SAMSÃO

*Na qual se contam todas as particularidades da sua vida, suas façanhas, Batalhas, Escravidão dos Hebreus, Captiveiro e como obrou Deus uma extranha maravilha, volta dos israelitas ao captiveiro dos Philisteus, temerario voto que fez e caso engraçado que aconteceu a Alexandre, etc.*

TRADUZIDA DO HESPANHOL POR

ORLANDO DA COSTA

Contendo mais dois contos recreativos para creança «A CESTA DE MORANGOS» e «AS DUAS GAIOLAS»

A' VENDA NO PORTO
NA
Livraria Portugueza de Joaquim Maria da Costa — editor
55 — LARGO DOS LOYOS — 56

1893

U
381.5
0838 1
N.º 10

AUG 2 1 1977

*Typographia de Arthur José de Souza & Irmão, S. Domingos, 76*

# HISTORIA

DO

# VALOROSO SAMSÃO

## CAPITULO I

**Dos juizes que precederam a Samsão e suas façanhas. — Batalhas e escravidão dos hebreus. — Livram-se do captiveiro por Débora. — Voltam a ser captivos e sahem da escravidão por Gedeão com quem obrou Deus uma estranha maravilha. — Voltam os israelitas ao captiveiro dos philisteus e ammonitas, mas são libertados por Jephét. — Temerario voto que este fez. — Caso engraçado que aconteceu a Alexandre.**

Os filhos de Israel, depois de haverem tomado posse de Canaan, viviam em paz e socego, governados pelo justo e valoroso Josué, que lhes havia ordenado as tribus, dando a cada uma as possessões da Terra da Promissão, com toda a equidade e justiça. Morto este esforçado chefe, principiou o povo a governar-se por juizes que escolhia quando se encontrava diante de alguma necessidade ou guerra. Por alguns annos governaram estes a Israel, até que elegeram reis, sendo o primeiro Saul. Mas fallaremos aqui dos juizes que precederam a Samsão, referindo d'elles algumas particularidades, até vir a cahir n'este valoroso capitão, que foi o que mais façanhas praticou, sendo o açoute e terror dos philisteus, inimigos de Deus e da sua sagrada lei.

Aconteceu, depois de ter morrido Josué, que Chusai Rhostaim, rei da Mesopotamia, poz guerra aos israelitas. Então elegeram Othoniel e por isso este é tido pelo primeiro dos juizes de Israel. Foi homem valente e animoso, que com a sua coragem e habilidade tirou triumphalmente os hebreus d'esta batalha, pois venceu e desbaratou todo o exercito de Chusai, rei da Mesopotania. A esta guerra seguiu-se outra, porque Eglão, rei dos moabitas, unido com os ammonitas e amarlocitas, tomou Jericó, escravisou muitos judeus e causou-lhes outros males. Então escolheram Aod, homem de grande valor e que usava das duas mãos como se ambas fossem direitas. Este destemido juiz matou o seu inimigo Eglão e foi tal o medo que lhe tomaram os seus adversarios, que não se atreveram durante muitos annos a batalhar com os hebreus e assim gosaram uma grande

AUG 15

paz e tranquillidade por espaço de oitenta annos. Inquietando-os por fim os philisteus, foi forçado aos israelitas oppôr-se a elles, levando por capitão e juiz Samgar, que foi tão corajoso e valente, que com a relha de um arado matou só de uma vez seiscentos philisteus.

Os hebreus esqueciam depressa os beneficios que Deus lhes fazia dando-se ao vicio e muito especialmente á idolatria a que eram muito propensos desde que estiveram e sairam do Egypto. Assim castigou-os Deus com uma escravidão de vinte annos por Jabin, rei dos cananeos. Entre elles achava-se Baraco, a quem elegeram para seu juiz, com o fim de eximir-se do seu captiveiro, mas foi preciso que Débora, prophetisa de animo varonil e mulher de Lapidoth, o animasse para tal empreza. Levantaram-se, pois, e Jabin oppoz-lhes um exercito poderoso, tendo Sisara por general. Accommetteram-o os israelitas, destroçaram-o e puzeram em fuga toda a sua gente. O general Sisara fugiu, indo parar e acolher-se á tenda de Jahel, mulher de Haber Cineo. Chegou alli muito mal tratado, cançado e com bastante necessidade. Deu-lhe aquella leite a beber para que elle tomasse alento e se reforçasse um pouco. Depois de bebido o leite, como se achasse em extremo cançado adormeceu, estendido no chão. Tomou-o de tal modo o somno, que quando Jahel verificou que elle estava bem adormecido, matou-o cravando-lhe na cabeça um grande cravo. Foi por isso que Débora compoz e entoou aquelle cantico que se encontra na escriptura Sagrada, o capitulo v dos Juizes.

Voltaram os israelitas a cahir em outro captiveiro, no poder dos modianitas, soffrendo sob o jugo do seu mando uma penosa escravidão; mas compadecendo-se Deus das lagrimas do seu povo e escolheu n'aquelles tempos a Gedeão, filho de Joas, da tribu de Mouasés, varão fortissimo. Chamou-o um anjo por mandado de Deus, dizendo-lhe que fosse tirar o seu povo do captiveiro dos madianitas. Quiz em virtude d'este chamamento offerecer sacrificio a Deus, que obrou uma maravilha, fazendo com que soltasse fogo milagrosamente de uma pedra. Elegeu-o então o anjo, mandando-o Deus para juiz de Israel. Querendo certificar-se da sua eleição, pediu á Magestade Divina fizesse o prodigio de, em uma noite de tormenta, posto um novello de lã no campo, a chuva que cahisse o deixasse intacto e secco e o chão todo molhado, o que succedeu assim. Em outra noite pediu que acontecesse o contrario, cahindo a agua na lã e ficando completamente secca a terra e isto tambem Deus lhe concedeu.

Com estes dois prodigios e o fogo da pedra, ficou Gedeão satisfeito e certo que Deus o elegia juiz de Israel e capitão do seu povo. Sem demora alguma sahiu a procurar gente e reuniu mais de trinta mil homens, mas os mais foram rejeitados, ficando por mandado de Deus com muitos poucos dos adquiridos, porque queria a Magestade Divina operar então uma das suas grandes maravilhas e dar a conhecer aos homens o seu soberano poder. Disse Deus a Gedeão, que os trinta mil homens que se lhe haviam reunido os levasse todos a um rio e alli os examinasse com cuidado, mandando-os beber e aquelles que visse que bebiam inclinados para a agua, como as bestas, os desprezasse que para beber levassem a mão á agua e depois á bocca fossem só os escolhidos para a guerra. E, coisa singular, de tantos que se juntaram a Gedeão, pois se contavam como já disse até trinta mil, só trezentos fossem separados e escolhidos para a guerra dos madianistas.

Ficou Gedeão sómente com os trezentos soldados e as armas que deu principalmente a cada um fôram uma trombeta e um cantaro. N'este mandou-lhes metter e guardar com todo o cuidado uma luz. Esperando que cahisse a noite, quando tudo estava no maior silencio, principiam a dar-lhes as suas ordens e a dispol-os em varios pontos

para atacarem o inimigo. Disse-lhes que ao dar o signal de ataque, que seria á meia noite, cada um tocasse na sua trombeta e ao mesmo tempo quebrando os cantaros descobrissem as luzes. Isto foi executado pontualmente como fora ordenado e apavorou tanto os inimigos, que surprehendidos com a novidade de tão extranho espectaculo, não só fugiram desordenados, mas até no meio da confusão matavam-se uns aos outros. Assim conseguiram a victoria e com ella gozaram desde então uma grande paz, emquanto viveu Gedeão, pois foi enorme o terror que lhe tomaram as tribus dos madianitas.

Morreu este astuto capitão, tendo deixado setenta filhos legitimos e um de uma escrava, chamado Abimelech. Logo que o pae morreu, este Abimelech matou todos os seus irmãos, para tomar conta do mundo e governo de seu pae, sem ter quem lhe disputasse. Assim usurpou elle o poder e tal qual o havia obtido, assim procedeu sempre porque foi intoleravel e tyranno. Não permittiu a divina justiça que vivesse muito no mundo quem n'elle havia entrado tão despoticamente. Querendo queimar a torre de Tebes, uma mulher têve a coragem de lhe atirar com toda a força uma pedra á cabeça, que o feriu tão gravemente, que elle logo chamou o seu escudeiro para que o acabasse de matar, para que se não dissesse que tinha sido morto por uma mulher. Succederam a Abimelech, Thola e depois d'este Jair. No tempo de Jair o povo tornou outra vez a ficar captivo por haver voltado a cahir na idolatria.

Dezoito annos permittiu a Magestade Divina que estivessem os israelitas sob o jugo e escravidão dos philisteus e ammonitas em castigo do seu execravel delicto, até que já esmagados pelo peso e condições na sua escravidão de Galaadá Jepthe, homem de um grande valor. Offereceram-lhe fazel-o seu principe comtanto que os tirasse do poder dos ammonitas e philisteus, o qual acceitou o mando e offereceu a Deus, se o tornasse victorioso na batalha que lhes ia dar, sacrificar-lhe a primeira coisa ou a primeira pessoa da sua familia que encontrasse ao voltar da guerra. Com as noticias da victoria que alcançou dos seus inimigos saiu uma filha sua muito alvoraçada e contente a dar parabens a seu pae que ao vel-a se entristeceu muito em consequencia da promessa que havia feito a Deus. Persuadindo-se de não poder faltar a ella sacrificou-a.

Chamam temeraria a esta offerta os diversos historiadores, os quaes se fundam em que assim como appareceu a filha, podia ter saído algum animal immenso, improprio para o sacrificio, o qual não era do agrado de Deus que se offerecessem no seu altar. Foi tambem temerario e imprudente o voto, por haver offerecido sua filha quando era coisa feia e abominavel a Deus que lhe offerecessem homens, pois levava muito a mal o Senhor que lhe offerecessem victimas humanas, assim como os ammonitas offereciam seus filhos e filhas ao idolo de Moloch. Isto é muito proprio d'aquelles que não reconhecem mais Deus que os seus idolos, gente fóra da luz da verdade a quem teem enganado com estes horriveis e abominaveis sacrificios. Nunca faltam alguns gentios a quem agradaram sempre semelhantes e tão espantosas crueldades; mas se praticaram alguma vez esse horrendo sacrificio foi mais por politica que pela religião. O caso succedido a Alexandre Magno é engraçado e ao mesmo tempo proprio para o assumpto. — Achava-se este grande principe em vesperas de sahir a dar uma batalha. Consultou um oraculo sobre o exito da empreza e foi-lhe respondido que seria feliz n'ella, comtanto que tirasse a vida ao primeiro que encontrasse ao sahir da cidade. Aconteceu que o primeiro que appareceu foi um pobre paisano que conduzia um jumento diante si, cidade, carregado com alguns objectos para vender. Mandou Alexandre que agarrassem aquelle homem e notificando-lhe logo a ordem do oraculo o matassem. A isto replicou o bom do rustico ou com sim-

pleza ou com astucia: «Que se o oraculo havia mandado a Alexandre matar o primeiro que encontrasse ao sahir da cidade, não era elle quem devia morrer. Pois quem? perguntou Alexandre. Senhor, respondeu o rustico: o jumentito que trago adiante; pois este é o primeiro que havieis encontrado e depois a mim». Alexandre achou graça ao argumento e deixando o rustico livre, mandou matar a besta. Aqui se vê, claramente, que este principe não tratou de cumprir o que dissera o oraculo, mas persuadir a sua gente que cumpria, para assegurar-lhes a confiança na victoria.

## CAPITULO II

**Novo captiveiro dos israelitas por espaço de quarenta annos. — Milagroso nascimento de Samsão e prodigios que succederam a seus paes. — Despedaça Samsão um leão para libertar de um perigo seus paes. — Problema que Samsão apresenta aos convidados das suas bodas e resultados singulares d'este problema. — Abandona Samsão a mulher; quer logo tornar a unir-se a ella e seus paes negam-lh'a.**

Quebrando as suas promessas voltavam a cada momento os ingratos israelitas a incorrer no abominavel crime da idolatria, pois pouco attentos e demasiadamente rebeldes ao seu bemfeitor, entregaram-se, ainda recente o beneficio, a tão execravel vicio, esquecendo-se dos muitos bens que Deus lhes havia concedido e actualmente lhes dispensa. Oh! ingrata para quem a paga do favor era a ingratidão! Por este mau procedimento entregou-os a Magestade Divina aos philisteus debaixo de cuja escravidão gemeram quarenta annos, até que nasceu *Samsão* para açoute d'elles.

Compadecida a Magestade Divina das afflicções do seu povo, enviou milagrosamente Samsão ao mundo. Foram seus paes Manue da estirpe de Dan. Nazareno de profissão. Este tinha uma mulher esteril, á qual appareceu um Anjo do Senhor, que lhe disse: *Sei que és esteril e careces de filhos, mas fica certa de que conceberás e parirás um filho; mas previno-te que não bebas vinho nem cidra e muito menos comas carne de animal immundo, porque has de conceber e parir um filho, em cuja cabeça não ha de tocar navalha alguma, pois ha de professar desde a sua infancia o instituto de Nazareno de Deus e este ha de ser quem ha de libertar Israel do poder dos philisteus.* Correu logo a mãe de Samsão a procurar seu marido Manue e participou-lhe tudo o que lhe havia acontecido. Um enviado de Deus, lhe disse, chegou-se a mim; elle tinha o aspecto de um Anjo e demasiadamente terrivel. Perguntei-lhe quem era, d'onde vinha e como se chamava; mas não foi possivel que me respondesse. Disse-me só que conceberia e que pariria um filho; mas que me guardasse de comer coisa immunda e de beber vinho, porque o filho que havia de parir o tinha destinado Deus para Nazareno, por todos os dias da sua vida.

Quando Manue ouviu isto da bôcca de sua mulher poz-se em oração e supplicou a Deus que lhe enviasse segunda vez aquelle emissario, que lhes havia annunciado aquelle nascimento, para que os guiasse e instruisse no modo de proceder com o filho que lhes havia de nascer. Ouviu-o a Divina Providencia e enviou-lhe um Anjo, que appareceu a sua mulher quando esta estava no campo. Assim que esta o viu, correu a toda a pressa a chamar o marido, dizendo-lhe: Vem depressa se queres gosar da presença do enviado de Deus, que voltou a estar commigo. Chegando á sua presença perguntou-lhe Manue, se era elle que havia estado com sua mulher. O Anjo respondeu-lhe que sim. Pois visto isso, mensageiro de Deus, queremos que te dignes dizer, como havemos de proceder com a criação d'este filho que nos annuncias. Disse-lhe o Anjo do Senhor, que de tudo

já havia informado sua mulher e que o que havia predicto o cumprissem cuidadosamente, que era a vontade do Senhor. Agradecido Manue por tal beneficio, rogou-lhe muito que se dignasse comer com elles um tenro cabrito. Disse-lhes o enviado de Deus que não o obrigassem a isso, que o offerecessem em sacrificio ao Senhor, dando-lhe muitos agradecimentos pelo favor que lhes concedia. Replicou Manue, dizendo que visto que não se dignava acceitar o seu convite, lhe dissesse o seu nome para que, realisando-se tal beneficio, pudessem honral-o como era justo. Mas o enviado de Deus apenas lhe disse que o seu nome era Admiravel. Ignorava Manue que elle fosse Anjo do Senhor. Dispozeram logo o sacrificio e trazendo dos seus gados um tenro cabrito pozeram-o sobre uma pedra para o offerecer ao Senhor, principiando logo a queimal-o. Notaram que ao mesmo tempo que subia aos céos a chamma da victima, subia tambem com a mesma o anjo de Deus. A' vista d'este prodigio ajoelharam os dois immediatamente para o adorarem, mas desde esse momento não o tornaram a vêr mais. Assim Manue, reconheceu desde então que aquelle que tão familiarmente lhes havia fallado ou era o proprio Deus ou o seu anjo.

Entristeceu-se bastante Manue e disse a sua mulher: Sem duvida que morremos depressa, porque vimos a Deus. Mas sua mulher respondeu: Se o Senhor nos quizesse matar não se teria dignado receber o nosso sacrificio nem fazer por nós tantas maravilhas, como tambem annunciar-nos o que ha de acontecer com o filho que nos ha de nascer. Socegou Manue e viu cumprido o que Deus lhe havia promettido, pois sua mulher concebeu e pariu um filho ao qual pozeram o nome de Samsão. Isto aconteceu no anno da creação do mundo, dois mil oitocentos quarenta e nove. Cresceu o menino, cobrindo-o Deus de muitas bençãos.

Ia Samsão completar dezoito annos, quando começou o Espirito do Senhor a estar com elle. Chegou o momento de ir Samsão a Thamnat, onde conseguiu vêr uma donzella dos filhos dos philisteus, da qual se namorou. Voltou a Saraa e disse a seus paes que havia visto em Thamnat uma mulher, filha de um philisteu, que lhe havia agradado muito e por isso lhes supplicava que lh'a obtivessem para esposa.

Os paes responderam-lhe: E' possivel, filho, que havendo entre vós tantas filhas de teus irmãos e compatriotas, queiras casar com uma mulher, filha dos philisteus, gente incircumcisa? A isto replicou assim o joven: Esta moça agradou-me muito e assim espero que leveis a bem que eu a receba por esposa. Ignoravam os paes de Samsão o mysterio e que Deus assim o determinava para preparar assim os successos que haviam de acontecer depois contra os philisteus, dominavam então o povo de Israel.

Não quizeram os paes de Samsão oppôr-se mais aos seus desejos e, determinados a cumpril-os, partiram em companhia de seu filho para Thamnat com intento de pedir a noiva a seus paes. E querendo descançar antes de chegar áquelle logar, se retiraram para umas vinhas proximas, quando de repente appareceu um leão, que demonstrava querer despedaçal-os a todos. Mas o valente mancebo, assim que o viu avançar para elles, rugindo, investiu animoso e, luctando os dois corpo a corpo, pois Samsão não trazia arma com que o ferisse, prendendo-o entre seus braços, desfel-o como se fôra um tenro cordeiro. Conheceu o esforçado mancebo, que façanha tão extraordinaria não a podia executar se não lhe assistisse o Espirito de Deus, como indubitavelmente aconteceu. Samsão não descobriu a seus paes esta ideia, os quaes admirados do facto davam graças a Deus por os ter libertado d'aquella fera os valentes esforços do filho.

Entretanto todos tres no logar e guiando-os Samsão a casa dos paes da que havia de ser sua esposa foram urbanamente recebidos. Entabolando o seu

negocio e tendo concordado todos, contratou-se o casamento com muita satisfação de uma e outra parte. Voltou Samsão com seus paes á sua casa, deixando as coisas bem dispostas. Passados alguns dias determinou Samsão ir buscar a sua noiva para casar e ao passar no sitio onde havia despedaçado o leão, pareceu-lhe ver o cadaver d'aquella fera, notando que saiam muitas abelhas da sua cabeça, as quaes já haviam preparado n'ella uma porção de mel, que comeu emquanto descançava, dando tambem d'elle a seus paes, que o acompanhavam com o fim de celebrar as bodas. Isto foi executado por Samsão sem que seus paes percebessem, pois lhe deu a comer do mel, não lhes querendo dizer d'onde o havia obtido ou tomado.

Chegaram á casa dos paes da noiva e Samsão mandou preparar um banquete, convidando segundo o costume dos noivos a muita gente d'aquelle logar. Estes tambem corresponderam, fazendo cada um de per si os seus banquetes, com que obsequiaram por muitos dias os noivos. Um dia, em um d'estes banquetes, estando-se á sobremesa, propoz Samsão aos convidados um problema para que o resolvessem, dizendo-lhes: Que logo que o resolvessem lhes promettia trinta vestidos com suas tunicas e capas e que lhes dava sete dias de praso para pensarem, mas que se não conseguissem resolvel-o elles lhe haviam de dar os mesmos trinta vestidos. Concordaram todos n'isso muito contentes e pediram-lhe que lhes apresentasse o problema. Esse problema era este: *De comedente exivit cibus, et de Forte eyreesa est dulcedo* — o que quer dizer: De um voraz e comedor saiu comida, e de uma forte doçura.

Cinco dias eram passados já sem que ninguem tivesse podido resolvel-o. Chegava-se já ao setimo dia, em que finalisava o contracto vendo-se atrapalhados por não poder resolver o problema valeram-se de um ruim ardil, que foi incitar a esposa para que carinhosamente o soubesse d'elle e depois lhe participasse. Ella resistiu, mas elles despeitados para não serem vencidos pelo hebreu, ameaçaram-n'a dizendo-lhe: Que se não fazia com que seu marido Samsão lhe descobrisse aquelle problema e lh'o participasse a elles, a haviam de queimar, a ella e a seus paes, deitando-lhe fogo a casa. Disseram-lhe mais: Por ventura o haver-nos convidado para as tuas bodas foi para despojar-nos dos nossos vestidos e juntamente deixar-nos corridos e vencidos por um hebreu? Com estas ameaças foi vencida a mulher de Samsão e viu-se obrigada a pôr em pratica o que lhe pediam seus compatriotas e visinhos. Foi ter com Samsão e lacrimosa e elle logo que a viu perguntou-lhe qual era a causa do seu pranto. Ella, astuta e sagaz, disse: Ainda não temos oito dias de casados e já me manifestas odio e pouco carinho. Samsão que ignorava os fins que tinham em vista semelhantes palavras, disse: Explica-te, minha esposa, e diz-me claramente o que sentes. Como podes expressar melhor o teu pouco affecto para commigo, disse ella, do que escondendo á tua esposa o problema que propozeste aos varões do meu povo? Então Samsão respondeu: Não te admires, minha esposa, o eu nada te declarar, quando a meus paes nada descobri e, se a estes o não fiz, como poderei fazel-o a ti? E Samsão nada lhe disse effectivamente; mas foram tantos os rogos, tantas as instancias, derramou tão fingidas lagrimas que, Samsão não pôde resistir e disse-lhe tudo ao setimo dia. Ella mal ouviu o marido explicar-se correu logo a contar aos seus.

Chegou o praso marcado e juntando-se todos para resolver o problema, declararam a Samsão o seguinte: *Que coisa mais dôce que o mel, e que coisa mais forte que o leão?* A isto nada teve Samsão que responder; mas desconfiou logo que fôra sua mulher quem lh'o dissera. Todavia, ainda que sentiu muito a pouca lealdade de sua mulher, procurou cumprir o contracto dos trinta vestidos. Ficando Samsão muito zangado com sua mulher, deliberou desde

logo deixal-a e partir para casa de seus paes.

Vendo ella e seus paes que Samsão não voltava, deram-n'a a outro em casamento. Appeteceu a Samsão, passados alguns dias tornar a juntar-se com sua mulher, e querendo o pae impedil-o; disse-lhe: «Não tens Samsão motivo para entrar, pois pensavamos que já a havias aborrecido e por tanto determinei casal-a com outro». Samsão enfurecido e enjoado, exclamou: «Desde hoje não tendes motivo para culpar-me por eu declarar guerra aos philisteus, por isso preparae-vos que hei de ser o vosso açoite». E dizendo isto partiu.

## CAPITULO III

**Samsão vinga-se dos philisteus. — Queimam estes a mulher e o pae de Samsão. — Prisão de Samsão, quebra as cadeias e mata mil philisteus. — Roga Dalila a Samsão que lhe descubra a causa da sua força; Samsão diz-lhe a verdade e ella corta-lhe os cabellos que eram a sua força. — Dá parte aos philisteus, prendem-n'o e arrancam-lhe os olhos. — Celebram-se festas no templo de Dagod, á qual assistem mais de mil philisteus. — Encosta-se Samsão a uma columna, desiquilibra-o e vem a terra o templo, ficando elle debaixo das ruinas com todos os philisteus.**

Foi Samsão para as montanhas e pôde caçar até trezentas raposas, ás quaes atou nos rabos umas faixas de palha e deitando-lhes o fogo soltou-as por todas as sementeiras dos philisteus, que em breve ficaram reduzidas a cinzas, estando já para as cegar. Não parou aqui o damno, pois o fogo das sementeiras passou ás vinhas e olivaes, em que fez um grande destroço. Por estes estragos trataram os philisteus de indagar quem teria sido o malfeitor e logo souberam que fôra Samsão em desforra de lhe haver o sogro tirado a mulher e dando-a a outro. Então os philisteus, cheios de colera, foram-se a casa do sogro de Samsão e queimaram-no a elle e á filha. Não bastou isto para satisfazer Samsão, pois lhes disse que elles tambem haviam sido culpados em obrigar sua mulher a denunciar-lhe o problema e que, emquanto se não vingasse completamente d'elles não havia de descançar.

Samsão, depois de ter estragado as cearas, acolheu-se á cova de Etam e os philisteus, reunindo gente foram contra os de Judá com o intento de vingar os seus damnos e prender Samsão. Principiaram a devastar a terra e vendo os de Judá a aggressão dos philisteus, enviaram-lhes emissarios, perguntando o motivo porque lhes assolavam as terras. Elles responderam que vinham resarcir os damnos que Samsão lhes havia causado, e que emquanto lh'o não entregassem amarrado e seguro, não deixariam de fazer todo o mal possivel. Os israelitas prometteram-lhes dar satisfação e desde logo determinaram que sahissem tres mil homens de Judá, que cercassem Samsão, na cova de Etam, onde se havia refugiado. Samsão conhecendo que os que o cercavam eram os seus, não quiz fazer-lhes mal nem resistir-lhes.

Estes chegaram a fallar a Samsão, dizendo-lhe: «E' possivel Samsão que estando nós subordinados ao poder dos philisteus te hajas atrevido a fazer n'elles semelhante estrago?» Ao que elle respondeu: «Eu fiz o mesmo que elles me fizeram». Pois não ha remedio, temos que dar-lhe uma satisfação e esta ha de ser cumprindo o que nos pedem, que é te entreguemos a elles amarrado e seguro.» «Convenho n'isso, respondeu Samsão, mas antes jurae que não me haveis de matar.» Declararam que tal não fariam; só sim prendel-o e entregal-o aos philisteus.

Levando-o os de Judá atado de pés e mãos para o entregar aos philisteus, estes com grande algazarra sahiram ao encontro, contentes de terem já em seu poder a Samsão e tirarem n'elle cruel desforra; mas este tanto forcejou, que de repente quebrou as cordas

que o prendiam e agarrando a queixada de um jumento, que estava a seus pés, deu com tal furor e raiva contra os philisteus, fez-lhe tamanho destroço que matou até mil d'elles, fugindo os outros precipitadamente. Deu Samsão graças a Deus pelo ter livrado assim dos seus inimigos. Como se havia fatigado muito na lucta, sentia uma sede terrivel e erguendo os olhos para o céo disse: «Senhor, concedestes ao teu servo esta grande victoria; morro de sede; não permittaes, meu Deus, que eu caia n'estes vossos inimigos». Então, da mesma queixada que havia atirado para o chão e que perto estava, sahiu agua com que elle apagou a sede.

Depois de tudo isto, Samsão foi a Gaza, onde viu uma meretriz, que negociava o seu corpo, em sua propria casa e Samsão entrou n'ella, o que logo souberam os philisteus e trataram de vêr como haviam de prendel-o. Deixaram que anoitecesse e logo cercaram a casa com muita gente armada. Reforçaram as portas da cidade, collocando n'ellas guarnição, com a ideia de que quando sahisse pela manhã, cahissem todos sobre elle e o matassem. Samsão dormiu só até á meia noite e não ignorando o que se passava, sahiu silenciosamente como pôde áquella hora. Dirigiu-se para as portas da cidade afim de sahir, e achando-as bem fechadas com ferrolhos e cadeados, procurou desconjuntal-os, o que executou promptamente, atirou-os ao chão, pegou n'elles ao hombro e partiu para um monte que estava perto de Hebron, sem que nenhuma das sentinellas se houvesse atrevido a oppôr-se-lhe ou a fazer-lhe resistencia.

Havia Samsão tomado bastante amor a uma mulher que habitava no valle de Sorec, a qual se chamava Dalila. Vinha de quando em quando visital-a e deliberaram os principes dos philisteus valer-se d'esta mulher para poderem agarrar Samsão. Reconheciam que não era possivel agarral-o e subjugal-o em consequencia das suas extremadas forças, e assim combinaram com ella para que com carinhos o enganasse e soubesse d'elle a causa da sua extraordinaria força e como poderiam vencel-o e segural-o bem, para o que chegaram a offerecer-lhe, se conseguisse o que lhe pediam, dar-lhe cada um d'elles mil e cem dinheiros. Dalila conformou-se com isso e tratou de pôr em pratica o que lhe recommendaram.

Foi Samsão um dia vel-a e fazendo-lhe ella muitas caricias, disse-lhe que tinha a pedir-lhe um grande favor. «O que tenho a pedir-te, Samsão, disse ella, é que admirada das grandes forças que possues, desejava saber em que consiste a tua grande fortaleza, que por muito bem que te amarrem quebras facilmente as ligaduras?» Samsão respondeu-lhe: «Que se o amarrassem com sete cordas, não seccas mas um tanto humidas, ficaria com as forças regulares de outro qualquer homem.» Quiz Dalila experimentar a vêr se era verdade o que lhe dissera; participou-o aos principes dos philisteus e estes entregaram-lhe as cordas pedidas. Samsão deixou-se amarrar com ellas e quando o havia ligado, achando-se muitos dos philisteus occultos em outro quarto para espreitarem o que se passava, Dalila fez a seguinte exclamação: «Philisteu sobre ti, Samsão.» Então fez este um esforço e partiu as cordas como se fossem delgados fios. De maneira que não poderam conhecer então a causa da sua força.

Disse-lhe Dalila: «Samsão, tu enganaste-me. Diz-me por tua vida a verdade e não me enganes no que tanto te peço, que é como te poderei ligar de maneira que não quebres as cordas.» Respondeu Samsão: «Pega em nove cordas no que ainda não tenham servido e d'esta maneira ficarei no mesmo estado que os outros.» Atou-o Dalila com ellas e tendo tambem occultos os philisteus, exclamou dizendo: «Philisteu sobre ti, Samsão». E Samsão quebrou-as do mesmo modo que as outras. Dalila tornou a dizer a Samsão: «Até quando me has de enganar? Diz-me, se queres, como pódes ser vencido.»

Respondeu a isto Samsão: «Se riçasses sete cabellos da minha cabeça e os sujeitasses a um cravo fixado na terra, todas as minhas forças ficariam inuteis.» Praticou assim Dalila, mas não conseguiu do que Samsão dissera. Por ultimo, Dalila já zangada por haver sido tantas vezes illudida por Samsão, observou-lhe: «Tu dizes que me amas, mas mal se conhece, visto que o teu coração dista tanto do meu. Por tres vezes me enganaste, não querendo dizer-me a causa da tua força.» N'isto insistia constantemente Dalila, não deixando um só momento de o importunar. Um dia Samsão já cansado dos seus rogos, disse-lhe finalmente: «Has de saber que jámais se pôz navalha sobre a minha cabeça porque sou um Nazareno, isto é, consagrado a Deus desde o ventre de minha mãe. Se um dia chegasse a faltar-me o cabello da minha cabeça, n'aquelle momento faltariam-me as forças que possuo e ficaria sómente com as regulares que gosam os demais homens». Ficou satisfeita Dalila com esta explicação. Foi procurar os principes dos philisteus, assegurou-lhes que sabia a causa da fortaleza de Samsão, que lhe déssem o que lhe haviam promettido e que o entregaria sem força alguma. Recebeu o dinheiro que lhe offereceram e esperou o dia em que Samsão viesse a sua casa para pôr em pratica o que promettera aos philisteus.

Foi um dia Samsão com vontade de descançar e ella fez com que elle se recostasse ao seu regaço e quando o viu bem adormecido cortou-lhe os cabellos. Feito isto tratou de o despertar, dissimulando o que havia feito e ficou Samsão com forças iguaes a outro qualquer homem. Assim exclamou, dizendo: «Philisteu, sobre ti, Samsão» e elle levantando-se açodado, disse: «Venham cá quantos philisteus ha, que eu farei d'elles o mesmo que outras vezes.» Ignorou-o Samsão que Deus se havia affastado d'elle e accudindo rapidos os philisteus, foi por elles preso. Levaram-o comsigo e a primeira coisa que fizeram foi arrancar-lhe os olhos, amarral-o muito bem, carregal-o de cadeias e encerraram-o n'um carcere. Valiam-se d'elle por moer um moinho, para o não matarem depressa, mas acabar pouco a pouco com uma morte prolongada, porque estavam damnados pelos muitos males que lhe havia feito.

Natal Alexandre, na sua Historia ecclesiastica, idade quarta, capitulo 5.º, diz: que de haver cortado os cabellos a Samsão vem que os antigos offereciam aos deuses os seus e tambem d'isto as muitas tranças que hoje se vêem nos santuarios e nos templos. Homero na Illiada 23 diz, que Achilles offereceu o seu cabello ao rio Sperchio se voltasse vencedor da expedição troyana. Era costume entre os gregos, em certo e determinado tempo cortar o cabello e offerecel o a Apollo ou aos rios, cujo rito approva Eustachio. Os egypcios sempre que faziam alguma peregrinação, ao voltar d'ella cortavam o cabello e offereciam-no aos deuses. Este mesmo costume seguiram os romanos, pois cortando aos meninos os cabellos offereciam-nos muito adornados á deusa Diana. Suetonio assignala que, a primeira barba de Nero foi consagrada ao Capitolio toda cheia de preciosidades de ouro e pedras.

Basta de digressões: voltemos ao verdadeiro fim da nossa historia.

Por muito tempo esteve Samsão condemnado ao carcere e a trabalhos, até que lhe tornaram a crescer os cabellos e a recuperar as suas forças perdidas. Lembraram-se os philisteus de celebrar umas grandes festas ao seu deus Dagon, em agradecimento de lhes haver entregado o seu figadal inimigo, Samsão. Reuniram-se no seu templo para offerecer-lhe victimas e alli realisaram esplendidos banquetes, dizendo nos seus brindes: «Deus fez com que Samsão nosso inimigo cahisse em nossas mãos: seja louvado e honrado». Concluidos os banquetes tiram Samsão do carcere e levaram-o para o templo onde estava grande multidão de philisteus. Principiaram a caçoar com elle, a escarne-

cel-o e a dizer-lhe mil injurias. Deixaram-o por um momento e elle chamou um rapazito ou guia que o conduzia e pediu-lhe que o encostasse ás duas grandes columnas que havia no templo de Dagon e que o sustentavam. Assim fez o rapazito, em tanto que todos descançavam um pouco até voltar outra vez a caçoar de Samsão.

Accudiram ao templo a assistir a estas festas todos os principes dos philisteus, uma grande multidão de todos os sexos e condições, que seriam em numero de tres mil e collocados em varios sitios do templo. Quando mais alegres e alvoroçados estavam os philisteus, esperando que Samsão lhes fosse entregue este invocou o nome de Deus, murmurando devotamente: «Deus e Senhor meu, lembra-te de mim e concede-me, meu Deus, as minhas antigas forças para que eu me vingue d'estes meus inimigos e teus e tome desforra d'elles pelos olhos que me arrancaram». E agarrando-se ás duas columnas que sustentavam todo o edificio do templo, exclamou: «morra eu aqui com todos os philisteus.» Arrancou as columnas dos seus logares e de repente veiu todo o templo a terra, ficando alli sepultados entre as suas ruinas todos os philisteus. E assim dizem as Sagradas escripturas, que Samsão matou mais philisteus morrendo que vivendo.

Vieram depois os seus parentes, amigos e compatriotas e extrahindo o seu corpo levaram-o a enterrar no sepulchro de seu pae Manue, tendo sido por espaço de vinte annos juiz de Israel. Foi este o fim que teve Samsão, açoute dos philisteus. S. Thomaz, *cuæst. 64. art. 5, ad. 4,* citando o grande doutor Agostinho, diz que Samsão não peccou por se matar, porque o fez por inspiração do divino Espirito Santo.

FIM

# A CESTA DE MORANGOS

N'um dos mais bellos arrabaldes de Pariz via-se uma linda casa de campo, chamada a Ermida guarnecida de grades que deitavam para a estrada. Era no meado, do mez de maio, epocha em que este bello arrabalde produz os primeiros morangos que apparecem na capital.

Laura, filha d'um banqueiro, que habitava esta Ermida, estava uma tarde só, sentada junto da grade, e entretinha-se a contar as pequenas economias que tinha feito do dinheiro que lhe davam todos os mezes, para os seus brinquedos.

No momento em que formava mil projectos para empregar um *luiz* que tinha juntado aos bocadinhos, ouviu um grito na estrada; olhou e viu uma rapariguinha descalça que escorregára e ao cahir espalhou no caminho os morangos que levava em cestos á cabeça. Corriam as lagrimas em abundancia pelas faces de Isabel (assim se chamava a rapariga.) Ella gritava em tom de desespero:

—Quanto sou desgraçada! Entrei esta manhã ao serviço de João Pedro, e a primeira vez que vou colher morangos ao seu campo, tive a infelicidade de entornar o producto do seu trabalho e de seus cuidados! Eu não posso reembolsal-o do seu custo; certamente expulsa-me de sua casa; talvez me faça passar na aldeia por uma marota... Minha pobre mãe! que não tem senão a mim para a sustentar. O' minha pobre mãe! que será de ti?

Acabando de dizer estas palavras, Isabel juntou depressa os poucos morangos que escaparam do desastre, e apenas encheu um cesto; o resto estava esmagado e cheio de poeira.

Estas tocantes palavras: «Minha pobre mãe! que será de ti» penetraram até ao fundo do coração de Laura.

—Rapariga, disse ella, chamando-a com a mão, quanto poderiam custar os cestos de morangos que tanto lastimaes?

—Ai, minha linda menina, de seis só me resta um: cinco a quatro francos cada um, por serem os primeiros, faz... (e contava pelos dedos) vinte francos! exclamou Laura. Isso mesmo, disse Isabel, é uma quantia que não ganho em dois mezes. Que farei eu, meu Deus! O' minha pobre mãe! que será de ti?

—Bem, disse Laura, abrindo cautelosamente a grade; confie em mim, menina, que eu vou reparar o accidente que aconteceu. Dê-me o cesto de morangos que lhe ficaram, e pegue n'este *luiz*: é justamente o preço dos seis que trazia. Diga a seu amo que os vendeu todos na casa da Ermida: d'este modo elle não soffre prejuizo algum, a menina continua a ser o amparo de sua mãe, e eu não podia fazer melhor uso das minhas economias.

Isabel, surpresa e commovida, entregou a Laura o cesto de morangos, beijou muitas vezes as mãos da sua bemfeitora assim como a peça d'ouro que a salvava de tantas desgraças, e voltou para a aldeia.

Da sua parte, Laura, feliz e altiva por ter empregado tão utilmente o seu dinheiro, levou para o seu quarto o cesto que tão caro lhe custou, resolvendo comer os morangos que lhe pertenciam por tão justo titulo, e sobretudo augmentar o preço d'esta boa acção, não a revelando a ninguem.

Mas o pai de Laura viu tudo atravez das persianas do seu quarto, e seguindo a filha com os olhos, notou que ella levava os morangos furtivamente; esperou que a filha sahisse do quarto, tirou-lhe os morangos e foi reunir-se a ella na sala onde bordava junto de sua mãe.

Annunciou-lhes que tinha convidado

a maior parte de seus amigos para vir no dia seguinte jantar a sua casa; e como entre elles havia um grande numero de pessoas de distincção, do que elle se lisongeava, exprimiu o desejo de que o jantar fosse explendido e digno da brilhante sociedade que reunia.

Depois de larga conversação, em que o pae de Laura não pôde deixar de prodigalisar a sua filha as mais ternas caricias, subia ella ao seu quarto para ver o seu cesto e comer alguns morangos, que lhe pareciam os melhores que tinha visto em sua vida. Mas qual não foi a sua admiração quando não encontrou o precioso deposito! Procura, inquieta-se, dirige-se a todos da casa; ninguem sabia o que ella queria dizer; só o pae é que disfructava o seu embaraço.

No dia seguinte, reuniram-se os numerosos convivas.

O jantar foi sumptuoso; a sobremesa era composta de tudo o que o luxo póde inventar: doces dos mais raros e exquisitos, soberbos ananazes gelados á italiana e bellas pyramides de fructas de toda a especie. Mas todos notavam entre si com espanto que não houvessem morangos, tão procurados n'aquella epocha. A mãe de Laura admirada tambem de que as suas ordens não fossem cumpridas, dispunha-se a reprehender o creado encarregado d'aquelle serviço, quando o escudeiro veio collocar no centro d'uma bandeja de flores o cesto querido de Laura!

Ella não pôde, vendo-o, deixar de soltar um grito de alegria, e a côr que subiu ao rosto annunciava que este cesto encerrava algum mysterio.

Seu pae contou então a aventura que teve a felicidade de presenciar.

—Eu julguei, disse elle, que não podia offerecer a meus amigos outros morangos senão estes; não, eu não conheço cesta alguma, ainda que fosse de porcellana do Japão e cheia das mais raras producções, que possa ser comparada com o simples cesto de Isabel.

Todos applaudiram a boa acção de Laura. Sua mãe tomou-a nos braços; apertou-a contra o coração, não podendo exprimir o que sentia. Pediram á creança que distribuisse por todos os morangos que o cesto continha, o que ella fez, recebendo suaves felicitações.

Quando offerecia os ultimos morangos, encontrou no fundo do cesto uma pulseira com um escudo de ouro rodeada de perolas finas, sobre o qual estavam gravadas estas palavras:—*Isabel á sua bemfeitora.*

# AS DUAS GAIOLAS

A riqueza e o luxo são muitas vezes menos propicios á felicidade das pessoas, do que a obscura simplicidade; é, como diz muito bem *Colin-d'Harleville* na sua comedia intiulada o *Velho Celibatario*:

...Souvent dans la loge on rit
plus qu'au prémier.

Carlota, filha d'uma senhora muito rica, entretinha-se a ensinar e a cuidar de passaros de toda a especie; gastava ella n'isso todo o seu tempo, era esse todo o seu prazer. Amando o luxo e muito esmerada nos seus habitos, mandou construir uma gaiola magnifica, d'acajú, com grades douradas e vasos de porcellana. Todos admiravam esta obra prima. Carlota, altiva e satisfeita com todas as felicitações que recebia, não admittia n'esta bella gaiola senão passaros dignos pela sua raridade d'uma tão linda habitação; os canarios, os piscos do Canadá, a toutinegra de Cayenna, o pintarroxo do Brazil, a bengalinha d'America, emfim, tudo o que se podia admirar e custar caro.

A mania dos patrões transmitte-se muitas vezes ás pessoas que estão ao

seu serviço. Ordena-se-lhes uma coisa nova, apressam-se a fazel-a para si mesmos; manda-se fazer um vestuario novo, querem logo outro igual; n'uma palavra, o inferior é quasi o macaco do superior.

Anna, filha do porteiro da casa, que presenciára muitas vezes a mania de sua joven ama, tomou insensivelmente os mesmos gostos; mas, não podendo ter o mesmo luxo, contentou-se com uma gaiola de pau de sabugueiro com arame de ferro, e bebedoiros de barro ordinario. Não podendo obter passaros raros, metteu na simples vivenda, passaros os mais communs que pôde encontrar, taes como pardaes, pintasilgos, pintarroxos, e outros d'esta especie.

As duas naturalistas acharam, cada uma no seu genero, prazeres que as captivaram longo tempo, os quaes lhe tomavam todas as horas vagas; mas d'ahi a pouco a falta de cuidado occasionou uma grande differença na sorte e prosperidade dos dois viveiros.

Carlota, transportada continuamente para o turbilhão do grande mundo, ahi passava quasi sempre uma parte da noute e por consequencia levantava-se muito tarde, esquecendo-se da infeliz familia que tinha encerrada na rica e brilhante gaiola. Pouco a pouco os passaros mais raros morreram; quasi todos cairam inanimados sobre os bellos vasos de porcellana, que a maior parte do tempo continham agua choca e grão avariado. Carlota nunca teve o gosto de ver n'esta rica gaiola formar-se um ninho com ovos e depois passarinhos. Nunca alli se poderam reproduzir as especies. Dir-se-hia que a elegancia e riqueza d'esta soberba prisão banira d'ahi a felicidade e a fecundidade.

Anna, ao contrario, logo de madrugada prodigalisava os habitantes do seu simples viveiro os mais ternos e mais multiplicados cuidados, via-os de dia para dia mais bellos e mais alegres; o seu canto variado retinia em toda a casa. Todas as primaveras formavam ninhos, cuja fecundidade tinha de tal sorte augmentado a familia alada, que Anna foi obrigada a fazer outra gaiola igual á primeira; e este grande espaço continha mais de vinte casaes de differentes passaros. Notavam-se ahi dous canarios de Carlota que Anna lhe pedira quando elles estavam a expirar. A belleza de suas pennas, o enthusiasmo de seus gorgeios, annunciavam que eram mais felizes no simples cubiculo do porteiro do que na rica sala onde estiveram n'um viveiro luxuoso, onde lhe faltava quasi sempre agua, ar e painço.

Carlota, invejosa por ver que o viveiro da Annitas prosperava emquanto que o seu diminuia cada vez mais, queixou-se um dia a sua mãe do barulho que faziam todas as manhãs os numerosos passaros da filha do porteiro. Ella quiz mesmo exigir que a separassem da sua feliz familia.

— Já que ella perturba o teu repouso, disse-lhe a mãe que penetrava o motivo de suas queixas, é justo que mude para outra parte a sua colonia querida. Mas, como os cuidados que ella lhe prodigalisa fixaram a minha attenção, e vendo que o viveiro faz as delicias da sua vida, vou mandar preparar no celeiro um logar commodo e bem espaçoso para conter não só todos os passaros que ella possue, mas tambem aquelles que no teu rico viveiro estão a morrer por falta de cuidados.

No dia seguinte foram estas ordens postas em execução; a feliz e sensivel Anna achou-se á testa d'um numeroso viveiro, e dentro em pouco as diversas especies ahi alojadas, encontrando um sustento analogo ao seu gosto, multiplicaram-se, offerecendo a mais rica e mais variada producção.

Carlota, forçada a conhecer que o fausto e a ostentação estão longe de valer os cuidados e a prevenção, confessou que sua mãe fez muito bem em confiar o resto de seus passaros á Anninhas; e, longe de se deixar arrastar pelo ciume, quiz antes partilhar os cuidados da joven porteira, aprendendo com ella os trabalhos que exigiam uma tal empreza.

Porém o seu genero de vida e suas

occupações não lhe permittiram executar este plano; de modo que o viveiro era só tratado pela porteira em quanto Carlota dormia. Assim estava ella longe de sentir o mesmo prazer de Anna. Quando se chegava junto da gaiola, todos os passaros fugiam espantados e escondiam-se por onde podiam; a seus cantos alegres, succediam-se gritos de terror; os casaes desuniam-se e Carlota sentia desgosto por vêr que as mães sahiam dos ninhos abandonándo os ovos. Ao contrario, quando Anna apparecia, todos voltejavam á roda d'ella, vindo pousar-lhe no hombro e na cabeça, picando-a, batendo as azas, e exprimindo com seus gorgeios a sua alegria e reconhecimento.

Carlota, que havia sido muitas vezes testemunha d'este delicioso espetaculo, resolveu experimentar esses encantos. Um dia substituiu os seus ricos vestidos pelo simples vestuario d'Anna; e, assim disfarçada, imitando a voz suave da porteira, introduziu-se ao romper do dia no viveiro: alli, desempenhando com exactidão e fidelidade tudo ó que tinha aprendido com a sua companheira, viu todos os passaros habituarem-se pouco a pouco á sua vista, acabar por adejar com prazer á volta de si, e cobril-a de caricias.

A alegria que Carlota experimentou, foi inexplicavel; ella inspirou-lhe a irrevogavel resolução de não confiar a ninguem o cuidado do seu viveiro; e, para se convencer do horror que os seus vestidos inspiravam áquelles animaesinhos, vestiu-os a Anna, exigindo que esta a acompanhasse assim disfarçada.

Quando ella appareceu, todos fugiram como se vissem uma ave de rapina; em vão a rapariga chamava os passarinhos com a sua voz meiga, porque todos lhe fugiam com horror.

— Jámais, jámais, disse ella a Carlota, a menina me fará apparecer com um vestuario ridiculo, como um espantalho! Pegue, pegue no seu rico vestido bordado, nas suas rendas, no seu chaile de cachemira; dê-me o meu corpete de cassa e a minha saia de chita; dão-me elles mais felicidade do que me dariam os mais ricos enfeites...

Dizendo estas palavras, tirou os vestidos de Carlota e reappareceu de repente com os vestidos ordinarios. No mesmo instante todos os habitantes do viveiro se vieram reunir em grupo sobre ella, e pareciam, por seus ternos gorgeios, expiar o seu despreso e vingal a do seu engano.

Desde este momento, Carlota associou-se para sempre aos trabalhos da boa Anna. Todas as manhãs iam juntamente cuidar do viveiro, que se tornou numeroso e variado. Nada de gaiola de acajú, nem vasos de porcellana; uma couve disposta com cuidado, agua pura renovada todas as manhãs, grãos de toda a especie e grandes espigas de milho miudo, foram o unico ornamento d'esta rica collecção de passaros.

Citavam-na em toda a visinhança, e Carlota recebia sem cessar elogios que ella preferia ás fastidiosas adulações que no grande mundo, prodigalisavam á sua elegante figura. Emfim, a experiencia lhe ensinou que a felicidade mais duradoura é a que nos proporciona a vida caseira, pela qual estamos ao abrigo dos maus acontecimentos.

Anna secundou Carlota n'este feliz systema; eram duas amigas inseparaveis: a sua amizade fundada sob tão bellos auspicios, jámais foi alterada. Ambas reunidas no viveiro, vestidas simplesmente, tratavam-se como irmãs. Anna, a quem a natureza tinha concedido todos os seus dons, tomou n'esta convivencia o tom e as maneiras de Carlota; instruiu-se pouco a pouco, formou-se com as suas lições, com os seus conselhos, e bem depressa se tornou digna d'um casamento vantajoso que, fixando a sua sorte, assegurou a de seus pobres e honrados paes.

Carlota tambem não tardou em casar-se; mas nem os deveres da esposa, nem os ternos cuidados da mãe, fizeram esquecer o numeroso viveiro a quem ella devia a simplicidade dos gostos, verdadeiros prazeres, e o doce regosijo de ter feito a sua felicidade.